

## Mistérios do Tanakh: Malki-Şedeq

*Por Sha'ul Bentsion*

### I - Introdução

Há milênios, personagens bíblicos que aparecem por períodos muito breves na narrativa das Escrituras acabam por se tornar objetos de muito mistério, e intriga. Na maioria das vezes são personagens tratados no Tanakh, e em especial na Torah, como secundários à narrativa principal, ou personagens que, mesmo sendo importantes, passam apenas brevemente pela narrativa. Seja porque são eles próprios secundários, ou porque a narrativa quer focar em outro ponto mais relevante.

Mesmo assim, esses personagens frequentemente passam de coadjuvantes no texto do Tanakh a personagens principais em pseudo-epígrafos (“falsamente atribuídos”), isto é, livros muito posteriores, atribuídos a personagens antigos.

É da natureza humana indagar o porque das coisas. E nenhuma época foi mais recheada de indagações do que o tempo em que o povo de Israel esteve sob o jugo dos selêucidas, e posteriormente dos romanos, ao final do período do Segundo Templo.

A perplexidade das pessoas quanto a porque estariam sendo punidas fomentava um anseio muito grande por entenderem onde haviam se desviado dos caminhos do Eterno. Claro, a resposta é bem mais simples do que parece: Israel permanecia desviado da Torah. Porém, esse quadro deu origem a diversos profetas, pregadores, e líderes políticos que afirmavam ter a revelação de todas as coisas.

Tais líderes, muitas vezes, precisavam sustentar suas alegações. Sendo assim, recorriam a um misto de folclore, com supostas revelações, e atribuíam seus ensinamentos e suas teorias a personagens bíblicos. E uma das fontes usadas para suas teorias é justamente o fato da Torah possuir lacunas narrativas, e personagens citados apenas de passagem.

Por essa razão, nos tempos do Judaísmo do Segundo Templo, floresceram uma série de pseudo-epígrafos e teorias envolvendo personagens desconhecidos, e conhecimentos que supostamente teriam sido perdidos. Esses conhecimentos permitiriam uma revisão no Judaísmo, que supostamente agradaria ao Eterno e poria fim ao exílio.

Talvez o exemplo mais conhecido de todos seja o de Hanokh (Enoque). Afinal, um homem que é chamado de reto pela Torah, e que sai da narrativa de forma tão abrupta e misteriosa é a figura perfeita para uma grande revisão.

Tão grande foi a profusão da chamada literatura enoquiana, que é tão extensa que chega a dar nome no meio acadêmico ao que se apelida de Judaísmo Enoquiano.

Tais personagens também frequentemente são associados à figura de resgatadores, que viriam nos tempos finais para socorrer o povo em sua aflição, se esse se prestasse a

descobrir os seus mistérios. O próprio Hanokh (Enoque), por exemplo, é identificado como Messias pela literatura enoquiana.

Curiosamente, é mais fácil convencer as pessoas de teorias conspiratórias, sobre segredos ocultos, do que convencê-las do óbvio: se um personagem é pouco mencionado pela Torah, provavelmente é porque não há muito a se dizer sobre ele.

Isso se explica pela natureza do ser humano. O ser humano é curioso, e sempre tem a sensação emocional de que existe algo que ele não sabe, e que lhe foi oculto, e se lança nessa direção de buscar respostas.

Tal é a ânsia por conhecimentos ocultos, que as pessoas facilmente passam por cima de qualquer lógica ou razão, e adotam as teorias mais insanas possíveis, em nome de um suposto conhecimento que as torna detentoras de uma verdade que é capaz de restaurar Israel.

Quando, na realidade, o Tanakh inteiro é muito claro a respeito da restauração de Israel. Ela não depende de conhecimentos ocultos ou perdidos, mas sim de nós, enquanto povo, cuidarmos de nos voltarmos para a Torah e para os caminhos do Eterno.

## II - Mitos do Personagem

Uma das figuras que é objeto de especulação é Malki-Şedeq, um rei jebuseu que é chamado pela Torah de “kohen/sacerdote do El Elyon”.

Por ser mencionado unicamente de passagem, em um relato breve, Malki-Şedeq também se tornou objeto de pseudo-epígrafos e folclore à época do Segundo Templo.

Malki-Şedeq (מַלְכִי-שֶׁדֶק), cuja etimologia significa “meu rei é justiça”, é indetificado no folclore judaico de diversas formas. A forma mais tradicional é a encontrada, por exemplo, no Targum Pseudo-Yonatan:

*“E Malka Zadika, que era Shem Bar Noah, rei de Yerushalem, encontrar Avram.” (Targum Pseudo-Yonatan 14)*

Essa também é a posição de R. Zechariah, citando R. Ishmael, no Talmud em b. Nedarim 32b, que diz ainda que como Shem teria abençoado a Avraham antes de mencionar El Elyon, então o sacerdócio teria passado de Shem para Avraham.

Não é incomum, caro leitor, que a tradição farisaica tente associar personagens misteriosos a outros antigos. Porém, além de claramente forçosa, pois a Torah nada diz a esse respeito.

Além disso, Shalem era uma cidade pertencente aos jebuseus. Os jebuseus não eram descendentes de Shem, e sim de Kena’an:

*“E Kena’an gerou a Şidon, seu primogênito, e a Het; E ao jebuseu, ao amorreu, ao gergaseu, e ao heveu, ao arqueu, ao sineu, e ao arvadeu, ao zemareu, e ao hamateu, e depois se espalharam as famílias dos cananeus. E foi o termo dos cananeus desde Şidon, indo para Guerarah, até ‘Azah; indo para Sedom e ‘Amorah, Admah e Şevoyim, até Lasha’.” (Bereshit/Gênesis 10:15-19)*

Essa evidente contradição fez com que alguns dos exegetas rabínicos posteriores buscassem explicação para essa aparente contradição. Rambam, em seu comentário sobre Gn. 14:18, afirmaria que Shem teria vindo como forasteiro para servir ao Eterno, já Rashi, em comentário de Gn. 12:6, afirmaria que a terra teria sido primeiramente alocada à descendência de Shem.

O segundo problema é que a Torah sempre narra uma transferência de kehunah(sacerdócio) de geração em geração, e de pai para filho.

Avraham (Abraão) não era apenas descendente direto de Shem, como também era da linhagem dos primogênitos de Shem. Ou seja, se Shem fosse um kohen (sacerdote) Avraham também o seria.

O terceiro e mais evidente problema, obviamente, é a pura especulação. A Torah nada diz acerca da identidade de Malki-Şedeq, nem tampouco diz que ele teria deixado de ser kohen (sacerdote) após esse episódio, como também não narra em momento algum que Avraham teria sido um kohen (sacerdote).

Ou seja, além de improvável, a conclusão de R. Ishmael é pura especulação. Não existe nada na Torah ou no restante do Tanakh que possa contribuir para tal associação.

A outra tradição judaica acerca de Malki-Şedeq nos vem através dos manuscritos do Mar Morto, e é ainda mais especulativa:

*“E acerca do que dizem as Escrituras: “este ano de jubileu [vós retornareis cada um de vós à vossa propriedade]” e e também o que está escrito: [“E esta] é a [fo]rma da [remissão]: todo credor remirá a causa que é levantada [contra o próximo, não a cobrando de um próximo que é membro da comunidade, porque] a remissão [de Elohim foi proclamada: A interpretação] é que se aplica [aos Ú]ltimos Dias, e diz respeito aos cativos, assim como [Yeshayahu disse: “Para proclamar o jubileu aos cativos...] e cujos professores foram ocultados e mantidos em secre[to], isto é da herança de Malki-Şedeq, pois [...] e eles são a heran[ça de Malki-Şe[dek], o qual os retornará ao que era deles por direito. Ele lhes proclamará o jubileu, portanto os livrando-o[s] da dívida de t]odos os seus pecados.” (11Q13)*

*“[... O Eterno o separará] para o mal do meio dos Filhos da Lu[z por causa de sua apostasia. E eles respoderão: ‘Mal]dito seja, Oh Malki-Resha, para todos os pro[pósitos de nossos desejos culposos. Que] o Eterno [te aponte] por objeto de terro nas mãos deles que operam vingança.” (4Q280)*

Possivelmente já sob influência do dualismo persa, os escritos da seita de Qum'ran já trazem Malki-Şedeq como um anjo que libertaria Israel da opressão dos seus conquistadores.

Israel estaria no cativeiro por causa de suas transgressões, sobre as quais aparece o apontamento de um outro anjo, Malki-Resha (מלכי-רשע), literalmente, “meu rei é impiedade.”

Evidentemente, tais atribuições são puramente fantasiosas, sem qualquer base no Tanakh, que não apenas jamais afirma que Malki-Şedeq tenha sido um anjo, como ainda jamais afirma existir uma criatura chamada Malki-Resha, ou mesmo um anjo que tenha governo sobre os pecados, ou sobre os pecadores.

Fato é que existem inúmeras supostas tradições e visões acerca de Malki-Şedeq na literatura judaica. Aqui apresentamos apenas algumas, a título de ilustração. Como se pode perceber, trata-se de tradições fantasiosas, contraditórias e de pura especulação.

### III - Fatos

O que sabemos, de fato, acerca de Malki-Şedeq, a partir do próprio Tanakh, e de fontes históricas e arqueológicas?

Primeiramente, é importante observar e compreender que Malki-Şedeq não é um nome próprio, mas sim um título dado a um rei jebuseu.

Isso pode ser observado, inclusive, por sua relação com outro líder jebuseu que aparece mais adiante na narrativa do Tanakh: Adoni-Şedeq.

*“E sucedeu que, ouvindo Adoni-Şedeq, rei de Yerushalayim, que Yehoshua tomara a ‘Ai, e a tinha destruído totalmente, e fizera a ‘Ai, e ao seu rei, como tinha feito a Yeriho e ao seu rei, e que os moradores de Guiv'on fizeram paz com os israelitas, e estavam no meio deles, Temeram muito, porque Guiv'on era uma cidade grande, como uma das cidades reais, e ainda maior do que ‘Ai, e todos os seus homens valentes. Pelo que Adoni-Şedeq, rei de Yerushalayim, enviou a Hoham, rei de Hevron, e a Piram, rei de Yarmut, e a Yafi'a, rei de Lakhish e a Devir, rei de 'Eglon, dizendo: Subi a mim, e ajudai-me, e firamos a Guiv'on, porquanto fez paz com Yehoshua e com os filhos de Israel. Então se ajuntaram, e subiram cinco reis dos amorreus, o rei de Yerushalayim, o rei de Hevron, o rei de Yarmut, o rei de Lakhish, o rei de 'Eglon, eles e todos os seus exércitos; e sitiaram a Guiv'on e pelejaram contra ela.” (Yehoshua/Josué 10:1-5)*

Observa-se que Adoni-Şedeq (אַדְנִי-שֶׁדֶק), literalmente, “meu senhor é justiça”, aparece como rei de Yerushalayim (Jerusalém), nos tempos em que esta ainda estava sob o domínio dos jebuseus.

A coincidência de nomes é um forte indicativo de que tanto Malki-Şedeq quanto Adoni-Şedeq sejam na realidade títulos, e não nomes próprios.

Algumas cartas em tábuas de argila, encontradas em um sítio arqueológico egípcio em El-Amarna, podem esclarecer o enigma. Abaixo e ao lado, um exemplo de uma das cartas de El-Amnara

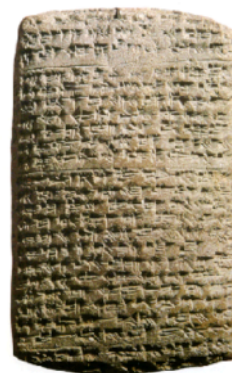
Dentre essas cartas, uma delas é contemporânea a tomada das terras de Kena'an por Yehoshua (Josué) e seus homens, é escrita por Abdi-Heba, que é apresentado como governador de Jerusalém, a um faraó do Egito.

O conteúdo da carta diz o seguinte:

*“Por que não ouves o meu pedido de ajuda? Todos os governantes estão perdidos. O rei, meu senhor, não tem mais um único governante remanescente! Que o rei envie tropas e arqueiros, ou o rei não terá mais nenhuma terra.*

*Todas as terras do rei estão sendo saqueadas pelos hebreus. Se os arqueiros estiverem aqui até o fim do ano, então as terras do meu senhor, o rei, serão salvas, mas se os arqueiros não forem enviados, então as terras do rei, meu senhor, serão perdidas.”*

*(Carta de El-Amarna 286)*



Muito provavelmente, Abdi-Heba seja o nome de Adoni-Şedeq. Seu pedido de ajuda e pavor diante das conquistas dos hebreus é exatamente o que se encontra narrado no livro de Yehoshua.

A fragilidade, e a dependência de outros reinos, em especial a dependência do Egito, podem explicar porque da opção pelo título Adono-Şedeq ao invés de Malki-Şedeq.

Na carta, Adoni-Şedeq diferencia entre os governantes da região, e o rei - que é a forma como ele se dirige ao faraó do Egito.

É bem provável, portanto, que o enfraquecimento da região e a aliança com o Egito expliquem porque Abdi-Heba não utilizava o termo melek (מֶלֶךְ) para se referir a si próprio, título esse reservado ao faraó, a quem a cidade dos jebuseus estava subjugada.

#### IV - Análise do Texto: O Contexto

O contexto do encontro entre Malki-Şedeq e Avraham (Abraão) é o término de um conflito entre reis estrangeiros, e alguns dos reis cananeus:

*“E aconteceu nos dias de Amrafel, rei de Shin'ar, Aryokh, rei de Elassar, Kedorla'omer, rei de 'Elam, e Tid'al, rei de Goyim.” (Bereshit/Gênesis 14:1)*

Nesse conflito, Lot (Ló), sobrinho de Avraham (Abraão), foi tomado cativo. Isso resultou numa ação de Avraham contra os reis estrangeiros:



*“E tomaram todos os bens de Sedom, e de ‘Amorah, e todo o seu mantimento e foram-se. Também tomaram a Lot, que habitava em Sedom, filho do irmão de Avram, e os seus bens, e foram-se. Então veio um, que escapara, e o contou a Avram, o hebreu; ele habitava junto dos carvalhais de Mamre, o amorreu, irmão de Eshkol, e irmão de ‘Aner; eles eram confederados de Avram.” (Bereshit/Gênesis 14:11-13)*

Avraham (Abraão), que na época ainda se chamava Avram (Abrão), sobe à guerra contra os reis estrangeiros, livrando não apenas seu sobrinho Lot, mas também os reis cananeus.

Após isso, o rei de Sedom vem ao seu encontro. Observe:

*“E o rei de Sedom saiu-lhe ao encontro (depois que voltou de ferir a Kedorla’omer e aos reis que estavam com ele) até ao Vale de Shaweh, que é o vale do rei.” (Bereshit/Gênesis 14:17)*

Mas, ele não vem sozinho. Outro rei cananeu aparece junto com ele: Malki-Şedeq. E é justamente esse texto que observaremos em detalhe agora.

## V - Análise do Texto: O Encontro

*וּמַלְכִי-שֶׁדֶק מֶלֶךְ שָׁלֵם, הוֹצִיא לֶחֶם וַיָּיִן, וְהוּא כֹהֵן, לְאֵל עֵלְיוֹן.  
umalki-Şedeq melekh shalem, hoši lehem wayayin; wehu khohen leel ‘elyon.  
E Malki-Şedeq, rei de Shalem, trouxe pão e vinho. E Ele era kohen do El Elyon.*

Neste trecho, observamos que Malki-Şedeq era um governante da cidade de Shalem, isto é, Yerushalayim (Jerusalém) no tempo dos jebuseus, uma tribo dos cananeus.

O que você verá a seguir, contudo, caro leitor, é um dos mais graves exemplos de falsificação das Escrituras jamais registrado. Observe:

### A Grande Falsificação

*וַיְבָרְכֵהוּ, וַיֹּאמֶר: בָּרוּךְ אַבְרָם לְאֵל עֵלְיוֹן, קִנְהָ שָׁמַיִם וָאָרֶץ. וּבָרוּךְ אֵל עֵלְיוֹן, אֲשֶׁר-מִגּוּן צָרִיךָ בְּיָדְךָ;  
וַיִּתֶן-לוֹ מֵעֶשֶׂר, מִכֹּל.  
wayvorkhehu, wayomar: barukh avram leel ‘elyon, qoneh shamayim wa’areş. uvarukh el ‘elyon, asher-miguen şarekha beyadekha; wayiten-lo ma’asser mikol.  
E ele o abençoou, e disse: ‘Bendito seja Avram por El Elyon, possuidor dos céus e da terra.’ E ele lhe deu um décimo de tudo.*

Observe que no texto hebraico não há quebra da sequência:

- Malki-Şedeq traz pão e vinho;
- Malki-Şedeq abençoa Avram (Abrão);
- Malki-Şedeq dá a Avram (Abrão) a décima parte de tudo!

O texto hebraico diz claramente: wayiten (e ele deu) lo (lhe) ma'asser (décimo) mikol (de tudo).

Essas são as únicas palavras que aparecem no texto hebraico. Agora observe a falsificação nas traduções cristãs:

*“e bendito seja o D... Altíssimo que entregou teus inimigos entre tuas mãos.” E **Abrão** lhe deu o dízimo de tudo.” (Bíblia de Jerusalém)*

*“E bendito seja o D... Altíssimo, que entregou seus inimigos em suas mãos. E **Abrão** lhe deu o dízimo de tudo.” (NVI)*

*“E bendito seja o D... Altíssimo, que entregou os teus inimigos nas tuas mãos. E **Abrão** deu-lhe o dízimo de tudo.” (Almeida)*

### O nome Avram não aparece no original hebraico!

Observe como essa inserção muda completamente a sequência e o sentido do texto. Sem ela, fica evidente que a ação é de Malki-Şedeq. Avram irá responder apenas alguns versículos depois.

Por que da falsificação?

Por um motivo muito simples. O autor do livro cristão de Hebreus diz o seguinte, equivocadamente:

*“Mas aquele, cuja genealogia não é contada entre eles, tomou dízimos de Abraão, e abençoou o que tinha as promessas.” (Hebreus 7:6)*

Se as traduções cristãs seguissem fielmente o hebraico, qualquer leitor mais atento perceberia a nítida contradição com a ideia expressa em hebreus. É mais fácil para os tradutores, a fim de resolver o problema, fazerem um acréscimo escandaloso à Torah.

Na realidade, o autor de hebreus não se apóia na Torah, mas sim justamente no folclore popular e na homilética farisaica, que em alguns momentos interpreta, a despeito do que afirma o texto, que teria sido Avram (Abrão) que teria dado o dízimo a Malki-Şedeq por este último ser um kohen (sacerdote). Vale ressaltar que mesmo essa leitura não é unânime, e que textos homiléticos têm por objetivo transmitir uma mensagem, e não estabelecer uma visão autoritária dos fatos.

Se as traduções cristãs seguissem o texto fielmente, essa desconexão ficaria explícita.

O texto não deixa nenhuma dúvida de que é Avram quem recebe a oferta de um décimo dos despojos de guerra, conforme ficará claro logo a seguir:

וַיֹּאמֶר מֶלֶךְ-סְדֹם, אֶל-אַבְרָם: תֵּן-לִי הַנֶּפֶשׁ, וְהָרֶכֶשׁ קַח-לָךְ.  
*wayomer melekh-sedom, el-avram: ten-li hanefesh, weharekhush qah-lakh*  
*E o rei de Sedom disse a Avram: Dá-me [toda] alma, e os bens toma para ti.*

O rei de Sedom pede a Avram que lhe dê *hanefesh*, o que pode ser entendido como as pessoas, os animais, ou ambos. E oferece que Avram fique com os bens.

Observe que isso vem logo na sequência à oferta de Malki-Şedeq, demonstrando uma continuidade: Os reis cananeus oferecendo recompensas a Avram (Abrão) por seu auxílio na vitória militar contra os reis estrangeiros.

Quando se lê o texto sem nenhuma ideia pré-concebida, tudo fica extremamente claro. É apenas quando se tenta inserir conceitos teológicos estranhos e posteriores que o texto perde sua fluidez e se torna complexo.

Há ainda mais um elemento interessantíssimo na narrativa:

וַיֹּאמֶר אַבְרָם, אֶל-מֶלֶךְ סְדֹם: הֲרַמְתִּי יָדִי אֶל-יְהוָה אֵל עֲלִיוֹן, קִנְיָה שָׁמַיִם וָאָרֶץ. אִם-מִחוּט וְעַד שְׂרוּךְ-נֶעַל, וְאִם-אֶקַּח מִכָּל-אֲשֶׁר-לָךְ; וְלֹא תֹאמַר, אֲנִי הִעֲשֵׂרְתִּי אֶת-אַבְרָם  
*wayomer avram el-melekh sedom: harimoti yadi el-YHWH el elyon, qoneh shamayim waareş. im-mihut we'ad sherokh-na'al, weim-eqah mikol-asher-lakh; welo tomar, ani he'esharti et-avram*  
*E disse Avram ao rei de Sedom: Ergui minha mão a YHWH, o El Elyon, Possuidor dos céus e da terra. Jurando que desde um fio até à correia de um sapato, não tomarei coisa alguma de tudo o que é teu; para que não digas: Eu enriqueci a Avram; -- 14:22-23*

Observe, primeiramente, que Avram (Abrão) recusa a oferta de bens. Pelo contexto, pode-se inferir com relativa segurança que Avram também recusa a décima-parte dos bens, oferecida por Malki-Şedeq!

Avram (Abrão) sai da guerra sem tomar para si qualquer despojo ou provisão, apesar das ofertas dos reis de Sedom (Sodoma) e Shalem.

### Que El Elyon?

Mas outro ponto que chama a atenção é o contraste entre as palavras de Malki-Şedeq e as de Avram (Abrão).

Observe como Malki-Şedeq bendiz a Avram (Abrão) pelo El 'Elyon, possuidor dos céus e da terra, ao passo que Avram enfatiza que nada deseja deles por um juramento que fez a YHWH, El 'Elyon, possuidor dos céus e da terra.

Para que possamos entender a diferença, é preciso primeiramente compreender que o termo El (אל) não é nome próprio, e no hebraico significa poder.

Já o termo 'Elyon (עליון), vem da raiz 'alah (עלה) que significa ascender ou subir. 'Elyon significa portanto "Altíssimo".



Em suma, El 'Elyon significa literalmente "Poder Altíssimo". Em sendo um termo genérico, como o são termos como "Senhor", "Criador", etc., pode não necessariamente se referir à mesma divindade.

A pergunta que fica é: Será que Malki-Şedeq e Avram criam no mesmo Poder Altíssimo?

Sabe-se através de achados arqueológicos das tábuas de Ugarit, cidade cananéia portuária, que os cananeus adoravam um panteão de deuses.

O principal deles, uma divindade chamada Toru.

Toru era, literalmente, um deus-touro, tido como o criador da humanidade, e o chefe do panteão cananeu, e o pai da maioria dos deuses cananeus, como por exemplo Yam (o deus-mar) Mot (o deus-morte), Baal-Hadad (o deus-tempestade), Ashtar (o deus estrela da manhã), etc.

Também chamado de Toru-El, ou apenas de El, tal divindade cananéia aparece nas tábuas de Ugarit, como por exemplo no trecho abaixo:

*"Mas se o poderoso Ba'al vive, então o Príncipe, o Meste da Terra, reviveu. Então, em uma visão do Criador do Todas as Criaturas, os céus deixaram chover óleo, e os wadis correram com mel..."*

*Ouve, rogo-te, o Mot filho de El. Por que batalhas contra o poderoso Ba'al? Cuidado, para que teu pai, Toru-El [El, o Touro] não te ouça." (As Batalhas de Anat - Col. III 2-7; Col. VI 24-26)*

Frequentemente em tais textos, Toru-El é chamado unicamente de El, em referência ao fato de que na religião cananéia ele seria o poder supremo.

Agora, compare as falas de Avram (Abrão) e Malki-Şedeq:

**Malki-Şedeq:** *'Bendito seja Avram por El Elyon, possuidor dos céus e da terra*

**Avram:** *'Ergui minha mão a YHWH, o El Elyon, Possuidor dos céus e da terra. Jurando que desde um fio até à correia de um sapato, não tomarei coisa alguma de tudo o que é teu; para que não digas: Eu enriqueci a Abrão.'*

Existe a possibilidade de que Avram (Abrão) e Malki-Şedeq se referissem ao mesmo personagem? É claro que sim.

Porém, existe também a possibilidade de que Avram (Abrão) estivesse exortando a Malki-Şedeq, e ao rei de Sodom, indicando Aquele a quem Ele servia não era Toru-El, a divindade cananéia!

A Torah não relata nenhum juramento da parte de Avram (Abrão) de que não tomaria posse daqueles homens, que o ofereciam liberalmente.

Por que então Avram (Abrão) recusaria?

A resposta pode estar no começo da história de Avram (Abrão), quando YHWH o chama e estabelece com ele uma aliança:

*“E moveu-se dali para a montanha do lado oriental de Bet-El, e armou a sua tenda, tendo Bet-El ao ocidente, e Ai ao oriente; e edificou ali um altar a YHWH, e invocou o nome de YHWH.” (Bereshit/Gênesis 12:8)*

O juramento de Avram (Abrão) pode ser porque ele havia prometido a YHWH fidelidade.

Poderia ter Avram (Abrão) recusado os despojos dos cananeus, dados em nome da divindade local deles, justamente porque tinha com YHWH uma aliança de exclusividade?

Avram (Abrão) assim não perderia a oportunidade de corrigir aos cananeus, mostrando que YHWH, e não Toru, era o verdadeiro El Elyon!

Embora, conforme dito anteriormente, não seja possível desprezar a hipótese de que Avram (Abrão) e Malki-Şedeq estivessem se referindo mesmo ao Eterno, e que Malki-Şedeq de fato fosse um kohen (sacerdote) de YHWH.

Mas, não há nada que assegure que Malki-Şedeq tenha sido de fato um personagem que adorasse ao Eterno. O autor deste texto acha a ideia acima indicada improvável, e entende ser muito mais plausível e compatível com a fluidez da narrativa a ideia de que Avram (Abrão) na verdade estivesse corrigindo os reis cananeus, e indicando o verdadeiro El Elyon (Poder Supremo) como sendo YHWH.

## VI - O Salmo 110

Mas, então, o que dizer do Sl. 110? Observemos o texto:

*נִשְׁבַּע יְהוָה, וְלֹא יִנְחָם-- אַתָּה-כֹּהֵן לְעוֹלָם; עַל-דִּבְרֹתַי, מַלְכִי-צֶדֶק.  
nishba' YHWH, welo yinahem-- atah khohen le'olam; al-divrati, malki-Şedeq.  
Jurou YHWH e não se arrependerá: Tu és kohen para sempre pela minha palavra, meu rei de justiça [ou malki-Şedeq]*

Evidentemente que o salmo faz um jogo literário envolvendo Dawid e a figura do antigo rei jebuseu, tendo o governo de Shalem/Yerushalayim (Jerusalém) como pano-de-fundo.

Vale ressaltar que al-divrati não é “pela ordem”, mas sim “pelo meu dito” (divrati). Observe uso semelhante:

*“Mas quanto a mim eu buscaria a El, e a Elohim entregaria a minha causa [דִּבְרֹתַי - divrati].” (Iyov/Jó 5:8)*

Iyov (Jó) aqui diz literalmente que entregaria o seu dito, isto é, a sua reclamação, ao Eterno.

Como se pode perceber, não há aqui o estabelecimento de nenhuma ordem sacerdotal.

A linguagem poética do salmo também traz malki, logo após divrati, indicando que o Eterno está falando que o salmista é o rei dEle, isto é, por Ele escolhido.

Vale ressaltar ainda que kohen nem sempre significa sacerdote, podendo também indicar um administrador ou gestor.

*“E Benayahu Ben Yehoyada, tinha o cargo dos quereteus e peleteus; e os filhos de Dawid eram ministros de estado [kohanim - כֹּהֲנִים].” (Sh’muel Beit/2 Samuel 8:18)*

Se o texto fala dos filhos de Dawid, obviamente que a palavra kohanim (sacerdotes) indica uma função de gestão, e não sacerdócio. É possível que no salmo tenhamos a mesma situação.

Ou seja, a ideia geral do salmo é a de que Dawid e sua descendência são os legítimos e eterno governantes de Yerushalayim (Jerusalém), e que o Eterno jamais irá mudar isso.

Como se pode observar, não é possível tecer nenhum tipo de conclusão ou conjectura sobre Malki-Şedeq a partir desse salmo, pois não apenas ele não dá qualquer detalhe (nem contra, nem a favor), como muito provavelmente utiliza a expressão como jogo de palavras (ie. meu rei justo).

## VII - Conclusão

Como se pode perceber, não há nenhum mistério quanto à figura de Malki-Şedeq. Sua menção breve e rápida se deve simplesmente à sua pouca importância na narrativa.

Malki-Şedeq era um título usado pelo rei jebuseu de Shalem/Yerushalayim (Jerusalém), enquanto a cidade era de propriedade dos cananeus. O título não é nome próprio, e é análogo a Adoni-Şedeq, que também foi outro governante da mesma região.

A mudança do título de Malki-Şedeq por Adoni-Şedeq em gerações posteriores pode ser apenas uma evolução linguística simples, ou pode indicar que a região teria perdido sua autonomia. O autor deste estudo, com base nas cartas de El-Amarna, entende que a segunda hipótese é a mais provável.

Avram (Abrão) não entregou “dízimos” a Malki-Şedeq, e sim recebeu dele a décima parte dos despojos de guerra. Lamentavelmente, muitas traduções para o português falsificam o trecho, inserindo deliberadamente o nome de Avram (Abrão) para torná-lo o autor da ação, que na realidade pelo contexto é de Malki-Şedeq.

Malki-Şedeq não necessariamente era um kohen (sacerdote) do Eterno. Pelo contrário, existe forte indício de que Avram (Abraão) teria corrigido os reis jebuseus e indicado que YHWH, e não Toru, era o verdadeiro El Elyon. Porém, essa não é a única leitura possível do episódio.

O Sl. 110 também não traz nenhuma nova informação sobre Malki-Şedeq, se é que o cita. Mesmo que o faça, certamente é estabelecendo um paralelo entre o governante jebuseu e o trono da dinastia de Dawid, já que ambos teriam reinado sobre a mesma cidade.

A ideia de que o salmo em questão se refira a uma ordem sacerdotal é fruto de uma tradução absurda a partir do hebraico. Que possivelmente também se estabeleceu a partir de conceitos tendenciosos de outras religiões.

Para o Tanakh (Bíblia Hebraica), todavia, não existe ordem sacerdotal do rei jebuseu da antiga Shalem.